



# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO  
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXV Volume — N.º 1216.	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	6450	120	<b>10 de Outubro de 1912</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possesões ultramarinas (idem) .....	4\$000	2\$000	6450	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	6450	120		

## As festas do 2.º aniversario da Republica Portuguêsa

(Veja Cronica Occidental)



O CORTEJO CIVICO SAHINDO DA PRAÇA DO COMERCIO — A MARINHA DE GUERRA — AS CAMARAS MUNICIPAES — AS ASSOCIAÇÕES DE COMERCIO — AS CRIANÇAS DAS ESCOLAS PRIMARIAS.



## CRONICA OCCIDENTAL

Quando todos previam que as festas do segundo anniversario da Republica fôsem prejudicadas pelas tempestades que se desencadearam nos ultimos dias do mez de setembro, eis que aparece um lindo tempo ao despontar do dia 3 de outubro e assim se conserva até 6, tantos dias quantos duraram as festas, pois que logo no dia 7 voltou a chuva e, quando escrevemos estas linhas até os trovões ribombam por entre as espessas nuvens de um *ceu velho*.

Diz-se-lhe que o *ceu* se quis associar ás festas e, em verdade foi ele que proporcionou o numero mais brilhante délas com o seu sol de ouro sobre o azul do firmamento.

O seu concurso nas festas foi efétivamente de *ouro sobre azul*, porque de resto estas, se não fôra a generosidade do supremo astro, a respeito de ouro não chegou, o que não é de admirar sob o regimen da prata e do níquel, em que vivemos.

Mas não fôsse a maledicencia publica como aquella conhecida parábola do *Velho, burro e rapaz* e ninguém teria nada a dizer. Assim, porque o governo não deu vintem para festas, e o publico, muito soado de subscrições, pouco deu para elas, o dinheiro não chegou para grandes coisas, embora sobrasse entusiasmo na alma popular.

Se ao contrario as festas fôsem de espavento dispensando dezenas de milhares de escudos, apesar de só ter aparecido por emquanto uma amostra déles, não faltaria quem, e com razão, censurasse o esbanjamento, quando se anda a cogitar no milagre de arranjar oitenta mil contos para a nação se armar e, no momento em que tantos portugueses estão a ferros e as familias chorando a sua triste sorte.

Nem gastos de mais, nem alegrias demasiadas, devia ser o meio termo das manifestações publicas, como de facto foi, sem com isso a Republica se desprestigiar nem o povo arrefecer seu entusiasmo. Ele deu o concurso dos seus melhores vivas; abarrotou os combojos que vieram despejar na estação do Rocio alguns milhares de fôrasteiros das provincias; andou, em grande parmacera pela cidade, gastando as economias do pé de meia; fez, enfim, quanto em si coube para animar naqueles dias Lisboa, berço da Republica Portuguesa, centro das festas em que veio tomar parte, na esperança de vêr os outros que as faziam.

E' o que, em geral, acontece; sae tudo para a rua para vêr a festa e, afinal, são todos que a fazem.

O primeiro numero do programa era um cortejo até ao Alto de S. João, em homenagem á memoria dos grandes caudilhos da Republica, o dr. Miguel Bombarda e vice-almirante Candido dos Reis. Esse cortejo composto de varias coléti-vidades associativas, deputações de bombeiros, praças da armada, com alguns sargentos, que conduziam uma carreta onde ia o retrato de Candido dos Reis e uma grande corôa de flôres, era aguardado á porta do cemiterio por s. ex.<sup>a</sup> o Presidente da Republica, dr. Teofilo Braga, dr. Afonso Costa, ministros da guerra e das finanças.

Junto das sepulturas dos dois republicanos, fôram pronunciados discursos e o mesmo se fez junto das sepulturas de Elias Garcia e Alves Correia.

A inauguração de uma exposição grafica no novo edificio da Imprensa Nacional, constituiu o segundo numero do programa, que, diga-se, foi dos mais interessantes pelo fim util a que visou, qual o de produzir incitamento e fomentar o progresso das artes graficas, que ali tem o seu centro de trabalho e de ensino. Sua ex.<sup>a</sup> o Presidente da Republica, presidiu á inauguração do refeitorio e balneario para os operarios deste estabelecimento, que tem progredido vantajosamente sob a nova direção do sr. Luis Derouet. Sua ex.<sup>a</sup> visitou a exposição e, em seguida, presidiu á sessão solemne, realisada numa das oficinas de composição devidamente ornamentada para o efeito.

O sr. Luis Derouet pronunciou um discurso adequado ao acto agradecendo a presença do sr. Presidente, a que o Chefe do Estado respondeu, passando-se á distribuição dos premios, que fôram os seguintes:

Memorias historicas e descritivas sobre a Imprensa Nacional: 1.<sup>o</sup> premio de 508000 réis, a José Victorino Ribeiro, compositor; 2.<sup>o</sup> premio, objectos d'arte a Norberto d'Araujo e Arthur Pereira Mendes, compositores; 3.<sup>o</sup> premio, objecto d'arte, a Antonio Marques Figueira Freire, escre-

vente da officina tipografica; 4.<sup>o</sup> premio, menção honrosa, a Raul Frederico de Padua Leal e Carlos Augusto Saraiva, compositores.

Trabalhos artisticos da officina de composição: 1.<sup>o</sup> premio, objecto d'arte, a Thomaz Fernandes; menção honrosa, a Braz da Cruz Ramos Frazão, Ernesto Ferreira, Joaquim da Cunha e Silva, Luis de Almeida Beja e Manuel David Gomes.

Capa para a «Memoria», premiada em 1.<sup>o</sup> lugar: 1.<sup>o</sup> premio, 158000 réis, a Armando Salles Horta; menção honrosa, a Carlos Filipe Amodeo, Domingos Castello, Ernesto Ferreira, Joaquim da Cunha e Silva, Luis de Almeida Beja, Miguel David Gomes e Thomaz Fernandes.

Officina de impressão: — Menção honrosa a Alfredo da Fonseca, Carlos Argent e Frederico de Almeida Beja.

Officina de gravuras: — gravura quimica, 1.<sup>o</sup> premio, objecto d'arte, a Alberto Mirandela.

Gravura em metal: — 1.<sup>o</sup> premio, objecto d'arte, a Jose Antonio Rodrigues Cancela; menção honrosa, a Manuel Vicente Cordeiro.

Officina litografica: — 1.<sup>o</sup> premio, objecto d'arte, a Alfredo de Moraes.

Officina de encadernação: — Menção honrosa, a Alberto Silva.

Officina de serralheria: — 1.<sup>o</sup> premio, objecto d'arte, conferido á officina; menção honrosa, a Alfredo Santos.

Um *lunche* oferecido ás creanças, filhos de empregados e operarios deste estabelecimento, constituiu uma festa tão simpática quanto alegre, para o que bastava a alegria infantil dos cento e setenta convivas á grande meza, que fôra disposta numa das vastas officinas, lindamente ornamentada, onde tocava uma banda e a orquestra dos Cegos do Asilo Antonio Feliciano de Castilho.

A este *lunch* assistiu a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Lucrecia Arriaga, esposa do sr. Presidente da Republica, e sua filha D. Maria Cristiana Arráaga.

A veneranda senhora deu, com a sua presença, uma nota duplamente simpática á festa. O sr. Gregorio Fernandes, no meio das aclamações que se ouviam por toda a sala, recitou uma poesia muito engraçada do poeta Mariano Gracias, feita para aquella festa e para os seus infantis convivas:

## A' hora do lunch

(Aos moninos que o paparem)

A vida é comer, a morte é ser comido.

D. João VI.

Comei... Afinal a vida

Cifra-se nisto: comer.  
Se assim ela é ap'tecida,  
Val' bem a pena viver.

E ouvi: eu, nem de fugida  
Neste instante de prazer,  
Vou lembrar-vos outra vida,  
Nem tocar nela sequer.

Do civismo e educação,  
Do estudo, que é nosso amigo,  
Do dever, da obrigação...

Mas se a Patria correr pr'igo,  
Tambem comereis então,  
Assado ou cru, o inimigo!

Pôde-se dizer que as festas deste dia fecharam com chave de ouro.

Na sexta-feira o sol foi ainda mais luminoso no *ceu* bem azul, e por esse lindo dia foi de vêr a affluencia de gente que se dirigiu ao palacio de Belem, onde havia a recepção official.

Todo o corpo diplomatico residente em Lisboa ali concorreu com o pessoal das legações, sendo recebido por sua ex.<sup>a</sup> o Presidente, a quem felicitaram pelo anniversario da Republica. Os ministros e deputações das duas casas do parlamento ali compareceram, assim como a officialidade de terra e mar; as sociedades scientificas, representantes do Directorio, Associações Commercial e dos Lojistas, Industrial, Escolas Superiores e outras coléti-vidades, o que tudo foi recebido pelo Chefe do Estado na sala das recepções. Acabada esta recepção o sr. dr. Manuel de Arriaga mandou franquear a entrada ao povo que, na melhor ordem, invadiu a sala e cumprimentou afétuoso o venerando Presidente que, comovido, recebeu esses cumprimentos, mostrando bem o seu grande espirito democratico.

Não passou este dia sem o Chefe do Estado fazer uso da prerogativa que a lei lhe confere de comutar e indultar presos e, assim, assinou a comutação e indulto de alguns presos por crimes de direito comum.

Neste dia foram tambem inauguradas duas placas com o nome de *Avenida dos Defensores de Chaves*, dado á rua que se chamava de Pinto Coelho, proximo de S. Sebastião da Pedreira.

A' noite houve corrida de touros á antiga portuguesa, na Praça do Campo Pequeno, a que assistiu sua ex.<sup>a</sup> o Presidente da Republica, corpo diplomatico, ministerio, entre um enorme concurso de espectadores, tanto basta saber-se que a receita subiu a quatro contos de réis.

No dia 5 realisou-se uma parada de bombeiros com todo o material de incendios, e o grande cortejo civico.

O cortejo organizou-se na Praça do Comercio e, percorrendo as principaes ruas da baixa, vindo ao antigo Chiado, dirigiu-se para a Rotunda da Avenida. Nele se incorporaram diversas agremiações com seus estandartes, comissões politicas, funcionalismo civil e militar, corpo de bombeiros, bandas de musica, escolas superiores e primarias, que deram o melhor contingente com as suas creanças alegres, cantando, o que tudo formava uma estensissima procissão, que levou cerca de duas horas a desfilar por deante do pavilhão, armado na Rotunda, onde o Chefe do Estado assistiu á sua passagem.

Todos os partidos politicos nele se incorporaram com igual numero de representantes, e o cortejo marchou, não só na melhor ordem, como no meio do maior entusiasmo do povo, que não se cansava de dar vivas á Republica e á Patria, ao mesmo tempo que das janelas as senhoras batiam palmas e deitavam flôres.

Havia projetada para a noite uma marcha luminosa que sahiria do quartel de Infantaria 16 e atravessaria a cidade pela Avenida até á Praça do Comercio. Efetivamente chegou a sahir e o efeito que produziu era fantastico, tantos eram os archotes e os balões venezianos conduzidos por milhares de pessoas, além das musicas, batalhões voluntarios, todos os clarins e tambores dos regimentos, e um carro alegorico á Republica. Mas este numero a certa altura fracassou, porque no antigo largo do Rato, hoje Praça do Brasil, o povo era tanto, que o cortejo não pode romper em ordem, misturando-se com a multidão, sem que fosse possivel novamente organizar-se, dispersando-se a maior parte, chegando o cortejo ao fim do percurso extremamente limitado e fôra da fórma.

Nessa mesma noite houve recita de gala no teatro de S. Carlos, constando o espectáculo do *Auto de El-rei Seleuco*, de Camões, desempenhado por alunos do Conservatorio, recitações de poesias por artistas do Teatro Nacional, trechos de ópera cantados por D. Beatriz Batista e D. Cesarina Lira e um esplendido concerto por grande orquestra, composta de cem professores e regida pelo maestro Filipe Duarte.

A esta recita assistiu sua ex.<sup>a</sup> o Presidente da Republica, no camarote de gala, assistindo tambem todo o corpo diplomatico, ministerio, muitos officiaes do exercito e da armada de grande uniforme, muitos funcionarios civis, além dos mais espectadores que enchem a sala.

No dia 6, ultimo das festas, houve regata de varias especies de barcos, que correram no Tejo, em frente da Junqueira, que pelos resultados alcançados, provou mais uma vez o grande espirito nautico deste povo.

Realisou-se tambem um concurso nacional de tiro de guerra, que pela primeira vez se verificou entre nós com tamanha latitude. Este concurso principiou no dia 1 e continua até o dia 12, concorrendo quatro atiradores de cada regimento e tendo-se inscrito mais de quinhentos atiradores civis. O seu programa é o seguinte:

Prova n.<sup>o</sup> 1 — Republica; n.<sup>o</sup> 2 — Presidente Manuel de Arriaga; n.<sup>o</sup> 3 — Campeonato Coletivo; n.<sup>o</sup> 4 — Concurso de honra do ministro da guerra; n.<sup>o</sup> 5 — Concurso por classes; n.<sup>o</sup> 6 — Campeonato nacional individual — Taça Patria; n.<sup>o</sup> 8 e 9 — Mestre atirador; n.<sup>o</sup> 10 — Tiro de pistola.

A parada militar no Hipodromo de Belem, foi outro numero do programa realisado neste dia, o qual despertou o maior interesse da população que, em peso acudiu a Belem, em carruagens, automoveis e carros eléctricos que continuamente conduziam gente, subindo a recita deste dia a oito contos de réis para a Companhia dos Carris de Ferro; mas se tanta gente foi de carro, muita outra foi a pé por falta de transportes e não poucos por falta de dinheiro.

O dia outonal mais convidava ainda a este passeio e por isso Lisboa despovoou-se para acudir toda ao Hipodromo a ver a formatura militar, em que tomaram parte contingentes do comando de um official de todos os regimentos, figurando assim todas as unidades do exercito,

de 35 regimentos de infantaria, 11 de cavalaria, 8 de artilharia, serviços da administração militar, artilharia de praça e de costa, e serviços de saúde. Tomaram também parte na parada, batalhões voluntários de Lisboa e alguns da providência, que se apresentaram bem.

O chefe do Estado assistiu na tribuna a varias evoluções das tropas que, por fim, marcharam em continência, ao som do hino nacional.

Uma interessante novidade apareceu nesta parada como foi a dos pombos correios.

Reunidos em quinze gaiolas estavam os pombos vindos de diversos pombas militares.

A um dado sinal foram abertas as gaiolas e uns mil pombos soltaram o vôo pelos ares num grande bando, que a certa altura se dividiu seguindo aos grupos para os respectivos pombas.

Este numero despertou enorme entusiasmo da multidão, que pôde assistir, porventura, ao melhor espectáculo que lhe podia ser oferecido, sobre tudo pela novidade.

Não ha porém festa completa sem o tradicional fogo de vistas, e por isso este foi o ultimo numero do programa que alegrou Lisboa, que toda correu á margem do Tejo, onde o vistoso espectáculo se realizou.

Não teve de que se arrepender porque o fogo competiu com os melhores estrangeiros, que noutros tempos ali se queimaram, tendo este a vantagem de ter sido feito por pirotécnicos portugueses em concurso nacional. O premio deste concurso, 100\$000 réis, foi conferido aos pirotécnicos de Viana do Castelo, cuja fama é notoria.

Nem tudo, porém, se gastou em foguetes e bombas. Quasi todas as agremiações republicanas e juntas de paróquia distribuíram bodos e esmolas aos pobres e vestiram creanças, o que certamente foi das notas mais simpáticas destas festas populares.

O aniversario da Republica foi festejado por todas as terras do país desde as cidades até ás aldeias.

No Porto foram também brilhantes os festejos a que concorreram muitos povos das terras proximas.

Uma coisa altamente significativa ha, porém, a registrar com prazer e é a boa ordem e cordura do povo que se manteve durante toda a festa.

CAETANO ALBERTO.



## O julgamento dos implicados na conspiração da Carregueira

A conspiração da Carregueira, apesar de não ter podido realizar o seu proposito de assaltar o quartel de Queluz e apossar-se da artilharia, etc. tornou-se das mais importantes organizadas no sul, na ultima tentativa da restauração da monarchia, pela qualidade de alguns dos individuos nela implicados como chefes.

Assim entre os incriminados Augusto Peres Brun da Silveira, industrial e Laurentino Pereira, caixeiro de praça, encontram-se o dr. Fran-

cisco de Mello Costa (Ficalho), advogado; D. Vasco Maria da Camara (Belmonte), proprietario; e D. José de Mascarenhas, proprietario também.

O julgamento, realizado no Tribunal Militar do Campo de Santa Clara, demorou-se durante uns seis dias, concorrendo para esta morosidade os depoimentos das testemunhas em numero de oitenta.

O tribunal esteve sempre concorridissimo de espectadores que, não cabendo já na sala da audiência, se aglomeravam pelos corredores, pelas escadas e até na rua, todos com grande curiosidade de saber o resultado do julgamento.

Foi na quarta feira, 2, que o tribunal pronunciou a sentença, depois dos debates.

O promotor da justiça formulou o libelo accusatorio demonstrando a criminalidade dos reus de forma clara e concisa. Disse que o reu Augusto Peres Brun da Silveira, chefe da conspiração, era um aventureiro que não duvidou inculcar-se republicano, para melhor atraçoar os que nele confiavam. Que D. Vasco da Camara, apesar da nobreza de seu nascimento, se sujeitou a ser cosinheiro dos seus companheiros, só para fazer parte da conjuração. Que D. José de Mascarenhas pagava ceias a certos bohemios, para eles darem vivas á monarchia. Com respeito ao sr. dr. Francisco de Mello e Costa, sendo de uma familia nobre, andava desempenhando o serviço de espião, rondando a cavallo pelos arredores da Carregueira e deitando-se armado. O reu Laurentino Pereira era um *factotum* de D. José de Mascarenhas á custa do qual vivia.

A todos os reus deu bom comportamento anterior, mas nem por isso deixava de se provar que eles de facto conspiravam contra a Republica, em vista das declarações das testemunhas de accusação, e que as testemunhas de defeza nada de valôr produziram a favor dos reus.

Lamenta que ainda haja conspiradores que se sacrificam pela monarchia, que não pôde voltar, mas que estes tem de ser condemnados, pedindo para os reus o maximo da pena, pois não tem duvidas que eles estão incursos em alguns dos artigos da lei de 30 de abril.

Seguiram-se os discursos dos advogados da defeza, srs. drs. Antonio Osorio e Mario de Miranda Monteiro, os quaes foram de rara eloquencia defendendo os reus, sem comtudo esperarem a sua absolvição, mas pedindo toda a benevolencia do tribunal.

Terminados os debates, o presidente formulou os quesitos, sendo tres para o reu Brun da Silveira e dois para os restantes. O primeiro quesito geral, pergunta se os acusados constituíam uma conspiração organizada contra a Republica e se ao serem presos lhe foram apreendidas armas. O segundo referente só ao primeiro acusado,

pergunta se é verdade ele ter tentado aliciar o soldado de artilharia Manuel Ventura, filho do caseiro do Casal da Carregueira. O terceiro, também geral, referente ao comportamento dos reus.

Recolhido o juri á sala respectiva, ali se demorou bastante tempo, voltando por fim á sala da audiência, onde foi proferida a sentença condemnando os reus: dr. Francisco Mello da Costa, D. Vasco da Camara, Laurentino Ferreira e D. José de Mascarenhas em seis anos de prisão maior celular, seguidos de dez de degredo, ou na alternativa de vinte de degredo em possessão de primeira classe, isto porque aos primeiros



O TRIBUNAL MILITAR DE SANTA CLARA  
Os réus (da esquerda para a direita): Augusto Peres; Francisco de Mello (Ficalho); Vasco Belmonte; Laurentino Pereira; José de Mascarenhas

(Cliché da «Mala da Europa»)

foram levados em conta as atenuantes do seu bom comportamento e de serem subalternos de Peres na partida por este organizada, e ao ultimo as mesmas e ainda a de ter cooperado em festas caritativas e de beneficencia. O reu Peres, a quem as mesmas atenuantes apresentadas não aproveitavam, foi condemnado em igual pena, com a agravante do degredo ser cumprido em possessão de segunda classe.

Desta sentença apelaram os advogados da defeza, para o Comando da Divisão.



## Um duplo centenário em 1915

«Recordar-se, — consolar-se.»  
ALEXANDRE HERCULANO.

Deliberou a Sociedade de Geographia de Lisboa, em assembleia geral, de data recente, interferir na celebração projetada para comemorar o quinto centenário da tomada de Ceuta, levada a efeito em agosto de 1415 e o quarto do falecimento de Afonso de Albuquerque, ocorrido em dezembro de 1515.

Sei, que a referida Sociedade, em semelhante empenho de verdadeiro patriotismo, oficiou aos poderes publicos, ponderando o quanto importa, para aquele fim, a nomeação de uma grande comissão em que fiquem representadas as colectividades vitais da nação, á qual incumbam os trabalhos preparatorios e a conseqüente elaboração do respectivo programa.

Aplaudo, incondicionalmente, a deliberação da benemerita Sociedade de Geographia que, assim, procede em continuidade de plano conforme ao que adotou por ocasião de se tratar de identico proposito, concernente ao descobrimento do caminho marítimo para a India.

«Recordar-se, consolar-se.» Eis a expressiva palavra de applicação genuina ao caso presente, palavra com que o distinto erudito Gomes de Brito precedeu o seu magistral *Elogio Historico* de Antonio Augusto de Aguiar e com que abriu o seu primoroso livro *Commemorações*, o homem de bem que se chama Veiga Beirão.

Recordar Ceuta, com solenidade condigna e o famoso vulto do *terribil*, sempre vivo no scenario Asiatico e nas galerias da Historia, é consolar o presente com o quadro heroico do passado glorioso e afirmar, no espirito portuguez da nossa idade, a convicção forte do seu legitimo direito de autonomia.

As forças economicas do momento, esgotadas em successivos anos de péssima governação e de desmandados dirigentes, não deverão aguentar, a meu parecer, o peso de uma festa grandiosa de esplendor; mas cumprirá um meio termo, adequado, se, d'aqui até lá, não houver, como é de esperar, uma sensível modificação para melhor, no apuramento liquido das receitas do Estado e nas condições de vida interna da população.

Ceuta, a que, após prévia escôlha e concerto minucioso de investida, se encaminhou o valente defensor da independencia nacional, nos campos de Aljubarrota, e Albuquerque, no cerebro do qual irradiou o pensamento de gravar as silabas designativas da sua patria em tres aureos florões, adquiridos pelo seu esforço imperterrito, — Gôa, Malaca e Ormuz, constituem, de per si só, uma ingentissima coluna de universal movimento historico e de enorme avanço na linha civilisadora dos progressos.



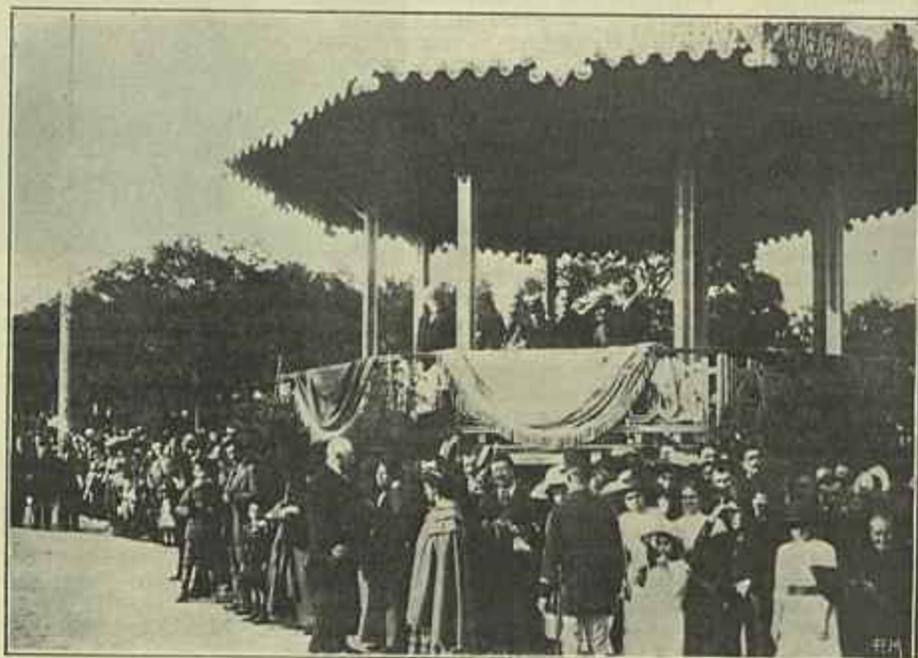
O TRIBUNAL MILITAR DE SANTA CLARA

(Cliché da «Mala da Europa»)

## As festas do 2.<sup>o</sup> aniversário da Republica Portuguesa

E' de Ceuta que são Henrique, o de Sagres e do parto dos mares, operado por audaciosos navegadores e é da vista de aguião do celebríssimo Albuquerque, tão mal tratado pelo ingrato e vil aventureiro, sucessor de João 2.<sup>o</sup>, que são o imperio portuguez indiano, essa maravilha de eternal phosforescencia, fixada para sempre na memoria humana pelo genio de Camões, em livro immortal, — LUSIADAS!

Uma das maneiras que se me afigura apropriada para ser celebrado, em 1915, o duplo centenario de que se trata, seria a inauguração inicial da obra da ponte sobre o Tejo, entre Lisboa e Almada, que, n'esse ano futuro, famoso por mais de um titulo, haja de ligar o norte e o sul de Portugal, no mesmo tempo de outra inauguração, definitiva, — a do córte do histmo de Panamá, a ligar o Atlantico ao Pacifico, a facultar ao amplo porto de Lisboa, o maximo

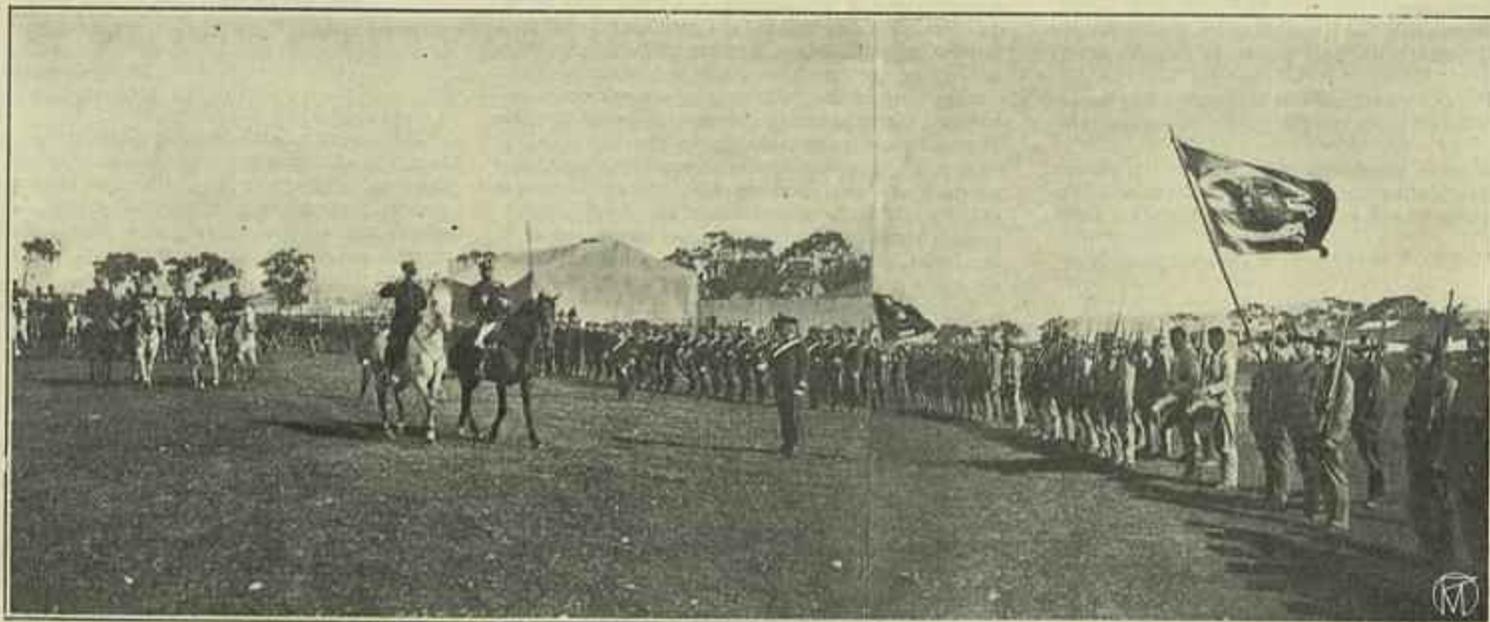


SUA EX.<sup>a</sup> O PRESIDENTE DA REPUBLICA ASSISTINDO NA TRIBUNA DA ROTUNDA  
À PASSAGEM DO CORTEJO CIVICO

do, para levantar o nivel comum, o animo da coletividade!

Se todas as combinações provaveis, se todos os calculos possiveis, anteriores a 5 d'outubro de 1910, eram limitados a fazer sahir de Portugal uma familia que, por errada ou fatal interpretação dos restauradores de 1640, havia sido erguida até o pinaculo da realeza, perdida terá ficado a polvora gasta, a ingenuidade autentica de muitas vitimas e a artificiosa delicia de tantissimo fogo fatúo!

Portuguezes honrados, honestos apóstolos de livre ideal, louvaveis aspirações de nacionalidade, preclaramente autonoma, não alimenteis esperanças de dispersões partidarias, imponde a todos o dever inconfundivel de iniciativa e cooperação leal, sem o quê, poderá haver vaidades alimentadas, incompetencias feitas idolos, basbaques postos em altar, mas nunca divorciação



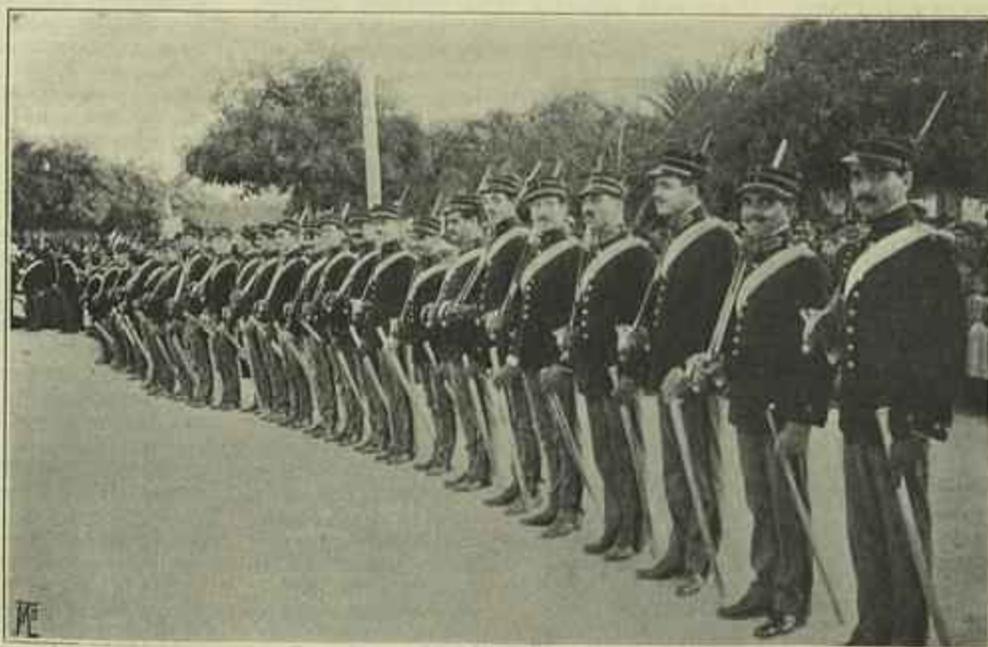
A PARADA MILITAR NO HIPODROMO DE BELEM

apreço e a maior utilidade pratica da sua invejada e deveras invejavel situação geographica!

E' n'esta altura que cumpre aos homens, amantes da sua terra e do seu paiz, avaliar os factos, encarar e estudar os problemas.

A hora é para isto, com todas as diligencias, com toda a boa vontade, com todo o criterio sisudo, e não para irrisorios sonhos de chefias politicas, para caricatas fantasmagorias partidarias, para doestos incortezes e incorréto!

Abaixo a inveja estulta, a intriga mesquinha, o interesseirismo repugnante! O que queremos e devemos querer, para proveito nacional e honra dos portuguezes, é a congregação de elementos uteis de valor moral e intelectual com prova-



UMA GUARDA DE HONRA DOS ALUNOS DA ESCOLA DE GUERRA

de mentira, Governo exáto, principios categoricos bem definidos!

«Recordar-se, — consolar-se.» Mova nos de inveterados vicios, a comemoração em projéto, edifiquemo-nos, na leitura documentada em que avolumam as figuras de João 1.<sup>o</sup> e de Nuno Alvares Pereira, de Duarte, Pedro e Henrique, do Albuquerque, vencedor em campo aberto e vencido em odio de ineptos!

O que seria de nós, que orientação haveria tido a civilização do mundo, sem a viagem expedicionaria de Ceuta, sem o plano estrategico do incomparavel soldado que abrangeu em seus horizontes de ação, além dos tres purissimos diamantes da sua corôa de imarcessivel gloria, a posse de Aden, o fecundo Nilo e o prodigioso Egito?!

## As festas do 2.º aniversário da Republica Portugêsa

Levante-nos a mente, a consideração de tanto arrôjo homérico, de tanta vitalidade ida, de tanto argumento em prol de lusos: é Lisboa ainda, a mesmíssima cidade que tem merecido as especiaes referencias e simpatias de estrangeiros ilustres, a mesmíssima, de cujo companheiro fluvial, outrora, largaram os de Ceuta e largou também o de Gôa, Malaca e Ormuz!

Estou em dizer, e não me creio exagerado, que Ceuta e Albuquerque representam e valem, com ambos os meritos, o absoluto e o relativo, a parte realíssima de incidencia positiva que é devida a Portugal nos fastos da humanidade!

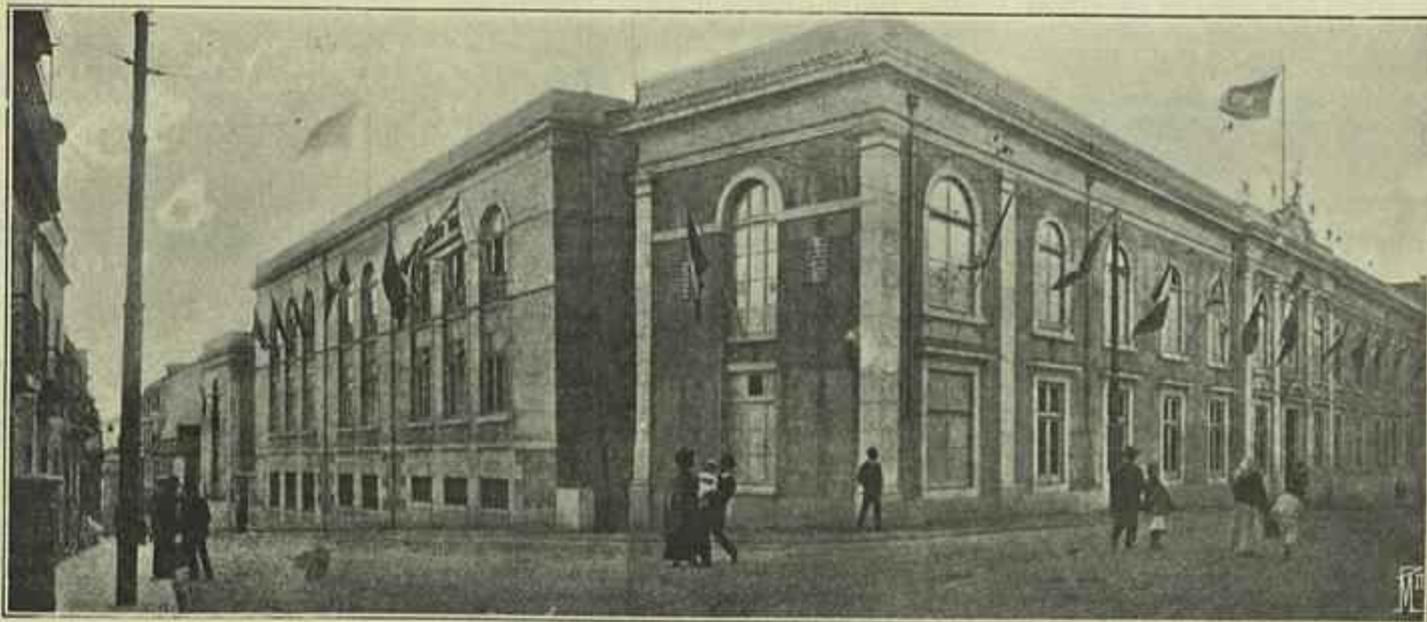
Quantos jorros limpidissimos brotaram d'aquelas fontes? quanto, por elas, derivaram sugestões, a deixar muito para traz a antiguidade remota e os tempos classicos? um rigoroso inquerito, um escrupulosissimo e



A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. LUCRECIA ARRIAGA ASSISTINDO AO ALMOÇO ÀS CRIANÇAS, NA IMPRENSA NACIONAL.

ano em que ha de inaugurar-se, oficialmente, o canal de Panamá se amolda, por caracter essencial a Lisboa e, tipicamente, a todo o paiz, beijado pelas ondas em longa extensão e berço de mareantes que desfloraram essas mesmas ondas com altiva gentileza, se amolda, repito o começo decisivo de trabalhos para o lançamento de uma ponte, a eliminar o defeito da solução de continuidade, junto á capital, entre as duas grandes provincias da Extremadura e Alemtejo, ou seja, entre o norte e o sul do mimoso e encantador solo portuguez.

Uma celebração consumada por esta fórma, não impeditiva aliás de quaesquer outras manifestações de regosijo que se entendesse e pudesse concertar, caberia, de molde, na conceituosa philosophia do egregio cinzelador da nossa historia patria e realisaria a satisfação de um alevantado ideal de desenvolvimento publico, em volta do

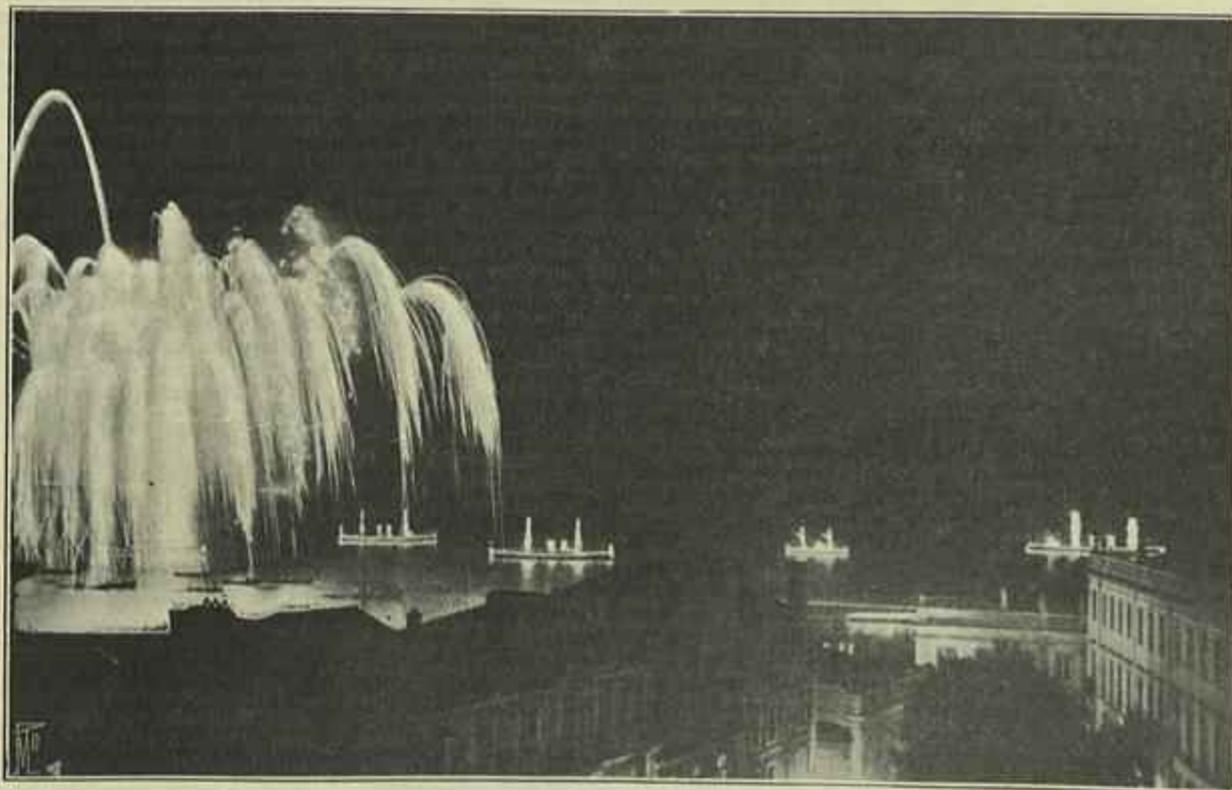


O NOVO EDIFÍCIO DA IMPRENSA NACIONAL.

minuciosissimo inventario, o que não distribuiriam em justa partilha, á gente portugueza?

De nós fala a acentuação do planeta em todos os pontos cardeaes, incluindo a primeira róta circumnavegadora, que lá, nas extremas da America do Sul, entre a Patagonia e a Terra do Fogo, se exprime em um estreito que tem por letras, Magalhães!

E' indubitavel que á celebração, conjunta, dos centenarios da tomada de Ceuta e do falecimento de Afonso de Albuquerque, no



O FOGO DE VISTAS NO TEJO, EM A NOITE DE 6 DO CORRENTE

qual, na conjuntura presente, se congregam e inspiram algumas importantes municipalidades.

Casado ao duplo centenario por hime-neu singular de perduravel consagração, simultanea com a abertura do canal da Norte-America, ficaria um monumento digno dos descendentes dos heroes de Ceuta e do guerreiro *terribil*, — a ponte gigantesca, a acabada união dos dois grandes tractos das europeias zonas continentaes portuguezas!

B. F. Noronha.

## A Incognita de Azurara

(Concluido do numero antecedente)

Eram os conventos, pela sua indole religiosa, austeridade e sequestro do mundo, em tempos de fervorosa crença, logares destinados á educação, onde os espiritos juvenis se formavam na pratica das virtudes cristãs e na sciencia que, então, se professava e que, por falta de escolas seculares, era apanagio das ordens regrantes.

Se grande parte de quem entrava na escola ou na reclusão monastica, acabava por fazer votos, mais ou menos voluntariamente, excepções havia que, por falta de vocação, se afastavam do ambiente conventual, restituindo-se á sociedade, ou, embora permanecendo no retiro, conviviam, em espirito, com o mundo.

D. Maria Isabel de Baena, destituída de inclinação para o claustro, temperando o seu misticismo com a influencia litteraria do seculo, sentiu-se atraída para aquêlle que, com a sua intuição artistica, soube segredar ao seu coração de mulher culta. Das janelas gradeadas do seu mosteiro, disfrutava-se amplo e pitoresco panorama: campo e mar. A vista, ora se recreia com o aspecto alegre da planicie limitada de alta serra, ora se perde na vastidão melancolica do oceano. O pastor que passa ou o barco que desliza são o unico movimento do quadro. O mais é um silencio sem quebra, uma brisa salina ou um perfume de pinheiral. Nestas condições de molde e folheando paginas de poema, ou se é poeta ou se ama poeta.

E o feliz mortal, objecto de tão altos amôres, que comoções experimentava, decifrando o seu enigma, ao adquirir a identidade da sua preciosa dama que o embalou nas penumbras do mysterio, pungindo-o com a duvida e, por vezes, com o desalento?

«Com o entusiasmo dos seus vinte e quatro anos e do seu temperamento peninsular, dedicando-se todo, coração, estudos, cogitações, ao culto exclusivo de um ente que elle não via, mas advinhava; criou para aquella mulher, cujo espirito distincto a fez uma das primeiras apreciadoras do seu poeta, um mundo á parte, um casulo perfumado, onde, nos arroubos do mais casto platonismo, viveu, só com ella, só para ella e só por ella; fundiu, em honra da sua inspiradora, um metal novo para a estatua dela; acrescentou, á sua lira, uma nova corda amorosa que vibrava até os seios d'alma; e, por um esforço de talento de que, hoje, mal podemos ter ideia, dedilhou, nessa corda nova, dedilhou comovido e atônito, as vibrantes elegias tão sonoras, tão cheias de lagrimas a que chamou *Amor e Melancolia*» (1).

São decorridos dois anos e Augusto Frederico de Castilho, o inseparavel irmão do nosso poeta tendo-se dedicado á vida ecclesiastica, fóra nomeado paroco de Castanheira do Vouga. Aceitou o cargo, levando consigo o enamorado do Vairrão que, da risonha Coimbra, se transportára ás agruras do Caramulo.

E' arido e triste o logar e os dois irmãos sentiram-se, devéras, desalentados, ao entrar em tão selvatico ermo. Contudo, a breve trecho, resignaram-se e um catequisando e parokiando com zelo verdadeiramente apostólico e o outro ensinando e educando com a maior abnegação, foram dois incansaveis missionarios para os rudes habitantes d'aquelas serranias.

Além destas benemerencias; os longos sete anos, ali, consumidos, foram tambem empregados na elaboração dos originaes: *Escavações Poeticas*, *Ciúmes do Bardo*, *Noite do Castelo* e nas traducções das *Metamorfoses* e *Amores* de Ovidio.

Não se descansava, pois, e para quem vive vida de espirito, nada como o retiro, a solidão. Depuram-se as faculdades, eleva-se a alma.

Não conseguia, porém, a occupação constante enfraquecer as lembranças do Vairrão, embora a idilica correspondencia se tivesse espaçado mais; facto este, que motivou suave queixume da mulher querida que, como purissima vestal, velava o fogo sagrado dos seus affectos.

Não é a mulher um ser mimoso e repleto dos mais puros sentimentos em cujo coração existem por excellencia, os tesouros mais inexgotaveis da generosidade e da candura?

Não exerce, ella, na terra, a santa missão da paz e do amor? Não será, ella, a rainha do lar, a flôr delicada dos jardins da vida, o firme e carinhoso amparo do homem, a sua companheira dedicada, a sua caricia convicta, a sua heroica de-feza, a sua efficaz consoladôra nos momentos de infortunio?

E não será missão do ministro dos altares completar a existencia do homem sobre a terra, unindo-o, por laços indissolveis, á mulher que deve ser a sua esposa, a mãe dos seus filhos, a sua fibra íntima e delicada?

Pois bem, o bom prior, um dia receoso pela vida de seu irmão, que fóra acometido por grave doença, cuja causa mais moral que fisica resistia aos maiores cuidados, lembrou-se de manifestar ao doente, os desejos que tinha de exercer, junto d'elle, logo que melhorasse, as sagradas funções, matrimoniando-o com a sua admiradôra que, ha anos, perseverante, o esperava, terminando, assim, esse platonismo de méros amantes a que urgia pôr termo para suprema ventura de ambos, e desfazendo-lhe, ao mesmo tempo, os obstaculos que pudessem opôr-se a tão apeteçido enlace.

Efficacissimo remedio!

A saude do enfermo foi reaparecendo e o casamento fa realisar-se.

O padre, quando intelligente, faz um estudo particular do coração humano e, d'elle, muito aprende. Sabe que ha grandes dôres, profundos desgostos, preocupações gravissimas que conduzem á morte; abrem-se-lhe corações atribuladissimos a que deve consolar com a palavra carinhosa, com o conselho prudente; espiritos, nas angustias do desespero, a que deve animar e confortar com o balsamo suavissimo e salvadôr da esperanza. E, então, elle é um grande medico moral cujo valôr não tem preço. Castilho foi victima de uma crise do mais profundo desanimo que lhe ía custando a vida. Espirito clarissimo, compenetrôu-se, um dia, da crueldade do seu destino.

Sem vista, sem posição, sem fortuna, sentindo, para maior desventura, ligada a si uma existencia preciosa, que fazer, que futuro o esperava?

Caíu vencido. Foi, nesta situação dolorosa, que, á sua cabeceira, despertou o salvador, o medico d'alma, conduzindo-lhe, não a taça do medicamento, mas a mão, em espirito, trémula, palpitante de Maria. Estava salvo!...

Tomavam, as cousas, como se vê, excelente aspecto, quando lamentaveis acontecimentos politicos se dão no país, perturbando a vida íntima dos Castilhos, que, tidos como liberais, começam sofrendo pelas suas convicções. Eram os prenuncios da tempestade que se aproximava, desse duélio fratricida em que tanto sangue se derramou e que tantos excessos permitiu. Por fortes comoções sociais passamos os povos sem que, infelizmente, os progressos da civilização enfrieiem os desmandos que, desses fenomenos resultam, genuinas explosões de odio, que nos fazem recuar seculos e que, bem tristemente, nos ensinam que o homem, não obstante o seu successivo aperfeiçoamento moral, não abdica sentimentos ferinos.

Até o triunfo do constitucionalismo, decorre um periodo anormal em que o receio, a perseguição, o sobresalto se rematam em porfiadas campanhas. Teve, pois, Castilho de pôr de parte a sua querida aspiração e aguardar dias pacificos.

De facto, em 29 de Novembro de 1834, perante o altar de S. Salvador do mosteiro do Vairrão, recebiam, enfim, Antonio Feliciano de Castilho e D. Maria Isabel de Baena Coimbra Portugal as bênçãos nupcias com aprazimento das respectivas familias que viam, neste consorcio, um auspicioso enlace, de cerebro e coração.

Longo poema de excepcional amor, fecha com o seu natural epilogo, tendo marcado na historia do sentimentalismo, em Portugal, uma pagina notavel. Não são vulgares, casos destes, pelo raro das circumstancias.

Além do estro poetico desferindo as notas mais tocantes da sua lira e de um espirito de delicada impressionabilidade recebendo-as, dava-se (o que tem especial importancia) o retiro monastico que não permitia as relações com a sociedade e a concentraçào, pela falta de vista, que impedia o conhecimento do mundo exterior.

D'aquí, a natural consequencia. Enamoraram-se ambos, D. Maria e Castilho, do que, de uma fórmula tão original e graciosa, veiu ao seu encontro. A isso se cingiram embora muito voluntaria e fervorosamente. Acertaram, plenamente por acaso de mútua felicidade e, para lamentar, foi, que

esse ceu azul, iluminado por um sol de tanta ventura, em breve, se entenebrecesse. Volvidos dois anos, a esposa adorada partiu para a eterna viagem e o esposo desolado carpiu com profunda máguia a sua desdita!... A malograda senhora, ao despedir-se do seu poeta, deu-lhe mais uma prova do seu generoso amor: aconselhou-o a que a substituísse, a que preenchesse o grande vácuo do seu coração, ella que o deixava sem, ao menos, lhe legar fruto da sua união; sendo, porém, a mulher que escolhesse, em tudo, digna: d'ella, que, com tanta sinceridade, o amou, d'elle, que tão justamente mereceu esse amor.

Assim foi. Mais tarde, contraía, Castilho, segundas nupcias com D. Ana Carlota Vidal, que foi a colaboradora da sua obra e a mãe de cinco filhos que honraram e honram a memoria de seu pai.

Em 1862, o poeta, conservando, sempre, como precioso tesouro, a correspondencia de dez anos do mais distincto espiritalismo idilico, collecção de mais de setecentas cartas, curiosos subsidios de historia, como, não menos, interessantes elementos de romance, paginas vividas do grande livro do coração, cujo sumário é a *Chave do Enigma*, resolveu queimar essa estremecida correspondencia, enterrando as cinzas, recolhidas em cofre, no jardim da sua casa e perpetuando, em lápide comemorativa, esse sacrificio, feito, sabe Deus, com que dôr!...

Assim, acabou tudo — em cinzas — que é a triste condição da humanidade.

DAMASCENO NUNES.

ERRATA — Na primeira parte deste artigo publicado no numero antecedente, onde se lê: «Amar o mar o mais perfeito é um dever», deve lêr-se: «Amar o mais perfeito é um dever».

## Litteratura Estrangeira

V

«A Religiosa», de A. Diderot

Mais um bello volume lançado a publico pela acreditada Livraria Guimarães & C.<sup>a</sup>. Coube agora a vez a esse esplendido romance de Diderot e que constitue o 81.<sup>o</sup> volume da *Colecção Horas de Leitura*.

Não podia a acreditada casa editora Guimarães & C.<sup>a</sup> deixar de incluir na sua collecção, um livro que — como *A Religiosa* — ainda hoje tem o direito de horrorizar o *servum peccus* das indignações a frio. Diderot devia ter sido muito forte para faser acceitar como veridica ao marquez de Croismare esta historia ou antes este libello contra os abusos dos conventos e os perigos das falsas profissões; era, pois, dever da casa não deixar de publicar tão curioso livro. Este romance não tem, de facto, um elevado alcance social, e reconhecê-se n'elle a infinita variedade de dons que Diderot recebeu de uma fada benevola, ao nascer para a vida litteraria: o espirito, o coração e o bom-senso que se rarefazem de dia para dia de um modo assustador.

Eis o que nos é licito dizer da *Religiosa*, romance escripto por um padre e em que se patenteia real e crúa a vida conventual.

Excusado será dizer que a traducção do sr. dr. Carlos José de Menezes é acurada como soem de ser — em geral — as traducções que a Livraria Guimarães & C.<sup>a</sup> publica, pois se esmera na escolha dos seus collaboradores litterarios.

Agradecemos reconhecidos a Guimarães & C.<sup>a</sup> a gentil offerta d'*A Religiosa* com que nos distinguui.

III-VIII-CXVII.

RUY D'ABOIM.

## 0 mez de Setembro de 1912

Iniciou-se o mez de setembro do corrente ano com uma alta de temperatura muito sensivel e que elevou o termometro acima do maior nível atingido durante todo o verão meteorologico, sendo apenas excedido, no mez de maio o que equivale a dizer, que, durante a estação calmosa do ano corrente, os maiores calores foram em

(1) J. Castilho — *Memorias*.

maio e setembro. Desde 2 e até 7 (Setembro), inclusive, as máximas excederam sempre 30°, o que aliás sucedeu igualmente em 1911, em que no entanto a máxima foi superior à de 1912. A partir desse dia, notou-se uma baixa que gradualmente se manifestou em todo o mez, conservando-se a temperatura abaixo de 20°, desde o dia 26 a 29, facto este que poucas vezes tem lugar no primeiro mez do outono meteorológico.

Foi com pequenas diferenças o que os principais meteorologistas previram, o que faz qualificar o estio de 1912, como um dos mais suaves, nestes ultimos 50 anos, senão talvez, aquele em que a media termometrica foi mais baixa.

A partir da primeira dezena, a temperatura não excede 25°,5 (em 24), o que em relação ao normal, é uma temperatura suave, mas desce com rapidez desde 25, especialmente em relação ás máximas, conforme se nota na tabela que segue, que completa a tabella já mencionada, no nosso artigo antecedente:

	Máximas temperaturas				Mínimas temperaturas			
	1911		1912		1911		1912	
	Grãos	Grãos	Grãos	Grãos	Grãos	Grãos	Grãos	
Set. 1	36,1	27,7	—	8,4	21,2	16,2	—	5,0
2	36,2	21,4	—	4,8	25,5	19,1	—	4,4
3	34,8	33,0	—	1,2	20,9	21,4	0,5	—
4	29,8	32,4	2,6	—	20,7	23,3	2,6	—
5	32,9	33,9	1,0	—	21,9	22,5	0,6	—
6	30,2	32,0	1,8	—	19,1	21,0	1,9	—
7	31,4	32,0	0,6	—	20,8	19,7	—	1,1
8	25,4	25,3	—	0,1	19,7	17,6	—	2,1
9	24,7	27,4	2,7	—	20,3	17,6	—	2,7
10	26,7	24,3	—	2,4	19,2	16,9	—	2,3
11	23,1	21,4	—	1,7	18,5	16,4	—	2,1
12	24,0	22,9	—	1,1	18,6	17,5	—	1,1
13	21,5	22,7	1,2	—	17,4	17,2	—	0,2
14	23,6	24,5	0,9	—	17,9	18,3	0,4	—
15	22,2	22,8	0,6	—	16,9	18,0	1,1	—
16	24,4	23,9	—	0,5	16,4	16,2	—	—
17	25,1	21,3	—	3,8	18,5	16,4	—	2,1
18	25,5	21,7	—	3,8	18,4	16,8	—	1,6
19	30,4	20,9	—	9,5	19,1	17,1	—	2,0
20	25,2	20,7	—	4,5	18,3	16,4	—	1,9
21	21,1	21,2	0,1	—	15,9	15,9	—	—
22	21,0	21,0	—	—	14,9	16,5	1,6	—
23	22,1	23,8	1,7	—	16,6	14,3	—	2,3
24	23,7	25,5	1,8	—	17,0	16,2	—	0,8
25	26,1	25,7	—	0,4	17,8	15,4	—	2,4
26	28,8	19,7	—	9,1	17,9	15,8	—	2,1
27	31,1	19,3	—	11,8	18,5	15,2	—	3,3
28	30,4	18,9	—	11,5	18,0	14,4	—	3,6
29	30,1	14,3	—	15,8	20,8	14,3	—	5,5
30	30,8	20,8	—	10,0	18,8	18,1	—	0,7

Somando, como fizemos, as diferenças a mais ou a menos, notadas nas máximas, nos dois anos citados, continuamos a ver acentuar-se uma perda de calor sensível, especialmente nos ultimos dias do mez, a favor de 1912.

No ano de 1912, houve apenas 10 dias de máximas superiores a 30°, sendo 4 em maio e 6 em setembro.

E' a primeira vez, de ha 57 anos (data do inicio das observações em Lisboa) que se nota uma tal anomalia, na temperatura.

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO.

## Confrontos Historicos

### Bosquejo

(Continuado do n.º 1215)

A situação dos liberaes era cada dia mais insupportavel, obrigando-os a procurarem os meios de derrubar o governo absoluto. O governo, porém, dispunha dos seus sequaces que cegamente o auxiliavam, espionando, delatando, perseguindo e, não poucas vezes, fazendo falsas denuncias, por vinganças contra os liberaes, ou para alegar serviços politicos e estarem nas boas graças do governo. Nesta parte estão hoje praticando o mesmo os exploradores republicanos para com os monarchicos, no que se prova não obstante os tempos serem outros, as paixões são as mesmas.

No meio de esta esmagadora opressão, os liberaes imigravam, mas faziam o com difficuldade, a bordo de alguns navios estrangeiros, principalmente ingleses, procurando para isso todos os disfarces.

Assim foi engrossando lá fóra o numero dos que deviam vir libertar a patria daquelle governo nefasto.

Em Portsmouth haviam-se reunido já cerca de 700 emigrados, dos quaes tomou o comando o general Saldanha, embarcando e dirigindo-se para os Açores. Não poudo, porém, desembarcar, em virtude do cruzeiro inglês, que ao tempo o governo de Inglaterra ali mantinha, em nome da neutralidade, não consentindo que em portos ingleses se preparassem quaesquer expedições militares contra o governo constituído de Portugal.

Ao espirito deste bosquejo não pôde passar sem reparo o procedimento do governo inglês confrontando o com o que ultimamente praticou o governo espanhol...

Entretanto a 22 de agosto de 1829, o conde de Vila-Flôr, depois duque da Terceira, conseguiu iludir a vigilancia do cruzeiro inglês, e desembarcar na ilha Terceira, onde se fortificou.

Sabendo-se em Lisboa que os emigrados liberaes se encontravam naquela ilha, o governo absoluto enviou ali uma esquadra do comando do vice-almirante Prego, com tropas comandadas pelo coronel Lemos. Estas tropas, porém, não conseguiram desembarcar, porque encontraram forte resistencia, tendo sofrido grandes perdas, o que muito animou os liberaes.

Enquanto se passavam estes acontecimentos, D. Pedro mandava voltar para o Rio de Janeiro, sua filha, que se encontrava em Londres, como já referimos.

No Brasil, porém, as cousas não corriam favoráveis a D. Pedro I, o que o levou a abdicar a corôa em seu filho D. Pedro II, e a retirar-se para a Europa com a imperatriz Amelia, sua segunda mulher, e sua filha D. Maria da Gloria, vindo para Belle Isle.

Os emigrados liberaes a custo se sustentavam na ilha Terceira, onde se dividiam em partidos, e as guerrilhas, comandadas por officiaes que estavam prisioneiros na Vila da Praia, mais difficil tornava a situação á regencia, nomeada por D. Pedro, que se compunha do marquês de Palmela, conde de Vila-Flôr e José Antonio Guerreiro.

O conde de Vila-Flôr organizou uma expedição a 9 de maio de 1831, com a qual se apoderou da ilha de S. Jorge, e pouco depois apossava-se da ilha de S. Miguel, depois de bater as tropas absolutas, no Combate da Ladeira Velha, a 2 de agosto.

Aos esforços que os liberaes faziam nos Açores, veio juntar-se D. Pedro com uma expedição militar que organizou em Belle Isle, chegando á ilha Terceira em 3 de março de 1832.

Essa expedição compunha-se de mais emigrados portuguezes e estrangeiros assalariados em que se encontravam alguns officiaes.

Os primeiros cuidados de D. Pedro, ou duque do Porto, como passou a denominar-se, foi nomear um governo composto do primeiro ministro marquês de Palmela, depois duque, José Xavier Mousinho da Silveira e Agostinho José Freire.

Organizou uma esquadra composta de duas fragatas, duas corvetas, tres brigues, um vapor e varias outras embarcações de transportes de guerra, confiando o seu comando ao official inglês Sertorius.

Nesta esquadra embarcou as tropas que poudo reunir, em numero de sete mil e quinhentos homens, sob o comando do conde de Vila Flôr, e assim se dirigiu ás costas de Portugal, onde chegou a 8 de julho, conseguindo desembarcar nas praias do Mindêlo, sem grande resistencia dos miguelistas.

Este pequeno exercito liberal fez um movimento sobre a Pedra Ruiva com que conseguiu cortar a comunicação das tropas do governo absoluto do Porto com as de Vila do Conde, de modo que as primeiras abandonando aquella cidade, deram ensejo a nela entrarem as tropas de D. Pedro, no dia 9.

Foram estas recebidas com grande entusiasmo pelos liberaes, ainda que em pequeno numero, pois muitos tiveram duvida de se manifestarem, recendo pela sorte das armas, em vista das grandes forças de que o governo absoluto dispunha muito superiores ás forças liberaes e, assim, soffrerem as consequências de um malogro, como succedeu na revolta de 16 de maio, em que muitos foram espiar no cadafalso e nas prisões o quere-m libertar a patria do governo opressor.

O general visconde de Santa Marta, que retirava do Porto com a sua divisão, conservava se em Vila Nova de Gaia, mas não tardou que tropas liberaes, comandadas por Sehwalback, o desalojassem, indo aquele com as suas forças reunir-se á divisão do general Cardoso, em Vila do Conde, juntando-se ao general Povoas, que estava organisando grandes reforços para vir sobre o Porto.

Em 17 de julho deu-se o combate de Penafiel,

cabendo a victoria ás forças liberaes comandadas pelo tenente-coronel Hodges. No dia 23 as mesmas tropas, sob o comando do duque do Porto, ganharam a acção de Ponte Ferreira, contra as tropas miguelistas do general Povoas, que não retirou sem ter causado grandes perdas aos liberaes.

(Continua).

CAETANO ALBERTO

## PELOS TEATROS

Já lá vão as andorinhas com o alvorecer dos primeiros dias da estação fria, que nos grandes centros são os de maior animação, por voltarem os residentes que no verão se retiraram para as praias ou para os campos.

Voltam agora as elegantes e com elas os bailes e recepções, os passeios escolhidos a certas horas, os chás nas pastelarias da moda e toda essa vida de frivolidade que tem, contudo, um certo encanto.

Abrem os teatros e animam-se as ruas e as casas de modas começam a apresentar os primeiros modelos de vestidos de inverno.

Estamos apénas no outono, a mais bela quadra do ano no nosso país, a mais temperada. Mas a avaliar pelo deploravel verão que tivemos, parece-nos que o outono não será o que costumava sêr. Andam os tempos mudados e como tal parece que mudado anda tambem o juizo dos homens.

O que se diz por aí acerca da futura época teatral é desolador.

Não se fará ainda a decantada reforma do Nacional?

Não haverá Ilrico? Teremos ainda *Grand Guignol* com actores de primeira plana (nem tantos temos) que se exhibirão num teatro de quarta ordem?

Isto são por enquanto mistérios para o cronista que a seu tempo os explicará.

### Coliseu

Inaugurou, como de costume, a época de inverno, o Coliseu, com uma companhia de circo. Quem durante o verão teve a infelicidade de ficar em Lisboa, forçado a contentar-se com o que havia de mau, por bom não haver, devia, como nós, ter-se sentido satisfeito depois de assistir à primeira apresentação dos cavalinhos, como é vulgar chamar-se-lhe.

E', efectivamente, êste um espectáculo que nos distrae sem nos fatigar e que só nos pôde aborrecer quando não houver selecção na escolha dos números do programa. Isso não acontece com a companhia do Coliseu da qual todos os trabalhos apresentados têm uma nota de originalidade e de interesse. São, além disso, excelentes os artistas que os executam.

Citaremos muito especialmente os trabalhos dos Liliputianos, 3 homens e 3 mulheres, que por si preenchem quasi um espectáculo. São atletas, ginastas, equilibristas, sunambulos, caricaturistas, ilusionistas e executam qualquer destes trabalhos com uma perfeição impecavel. Graciosas miniaturas de mulheres, de um metro de altura, de fórmulas correctas e donairosas.

Excelentes são tambem os trabalhos da troupe chinesa e muito interessante o aeroplano captivo dos Junker...

Reappareceu o conhecido *clown Little Walter*, tão querido do público de Lisboa. Apresentou nos seus trabalhos seus dois filhos, creanças ainda. Muito admiramos a rara habilidade da filha de Walter nas dansas que executou com uma presteza, uma graça e, digo mesmo, uma arte pouco vulgar.

Chega a parecer incrível que uma creança de 5 anos, se tantos tem, danse com tal expressão, com gestos e maneiras de uma artista consumada.

Outros trabalhos são os de um grupo de raparigas inglesas que cantam e dansam bem graciosamente. Excéntricos, equilibristas, etc., são os restantes números.

Em resumo grata impressão nos deixou êsse espectáculo por nos proporcionar algumas horas despreocupadas e um excelente recreio inofensivo.

Reappareceu tambem o sexteto do *Salão Central* que durante a estação calmosa costuma ir para as praias.

## As festas do 2.º aniversario da Republica Portuguesa

E' um dos melhores de Lisboa pelo que chama ao *Central* larga concorrência de amadores de boa música.

Organisa sempre um programma selecto que executa primorosamente.

Já aqui tivemos occasião de dizer que não somos apaixonados pelo cinematógrafo, que consideramos espectáculo insulso quando pretende por em scena dramas e reproduzir scenas da vida, agradando-nos, comtudo, as vistas panorâmicas e tiradas do natural e alguns ligeiros assuntos interessantes.

Vem isto ao caso por se ter ali apresentado uma fita cujo assunto era o das manobras de engenharia em Tancos.

Admiravelmente tirada accresce para nós o seu valor por ser fabricada em Portugal onde, hoje, já se trabalha bem neste myster.

Bom será que se desenvolva por cá essa industria e que para incitamento os proprietários dos cinematógrafos rialisem de vez



A «CARAMELA» DO SR. CARLOS BLECK, VENCEDORA NA CORRIDA DE VELA GANHANDO A TAÇA «REPUBLICA» E OUTRA TAÇA OFERECIDA PELO SR. HENRIQUE M. FREITAS

em quando sessões de fitas exclusivamente portuguezas, entremendo-as depois nos espectáculos diários.

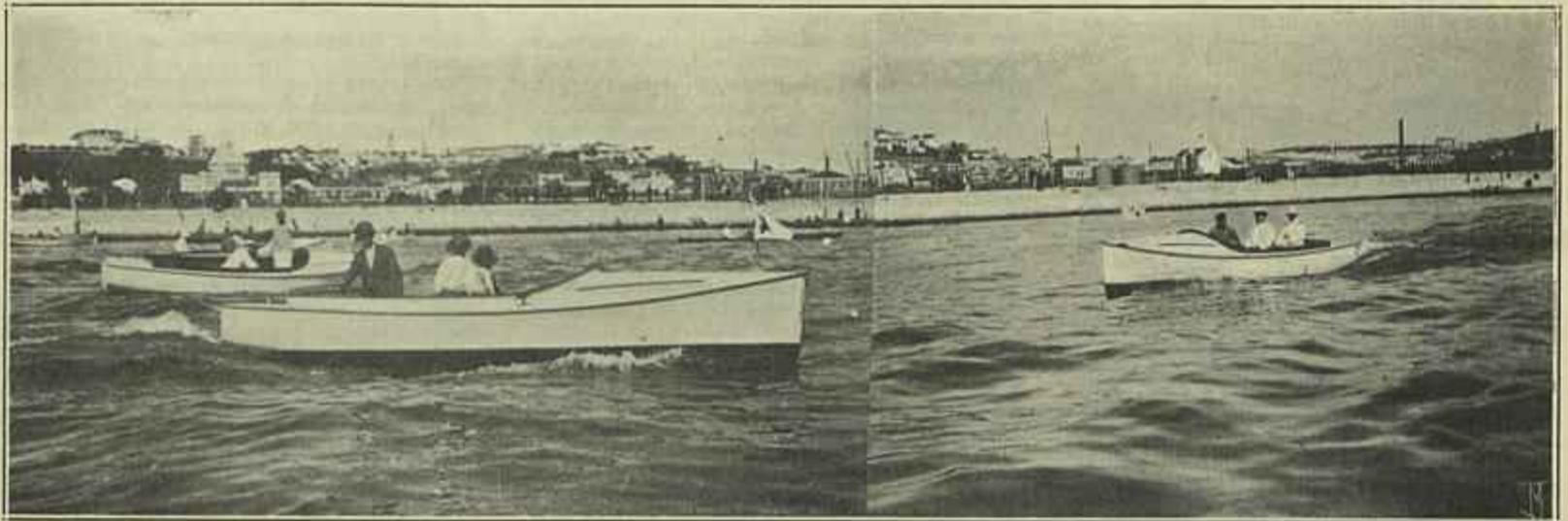
Ainda não ha muito tempo vimos uma fita panorâmica de Leiria que nada deixava a desejar em comparação com as que admiramos do estrangeiro, quer na feitura, quer no assunto.

E quantos panoramas sem rival nós temos para reproduzir pelo cinematógrafo e para fazer correr mundo e admirar. Que excelente propaganda da nossa terra, agora que tanto se pensa no turismo!

Justo será dizer-se que a empresa do *Central* tem coadjuvado este movimento fazendo exhibir esses trabalhos nacionaes.

Melhoramentos houve neste salão, estando agora com todas as condições de conforto e de elegância requeridas por uma casa de espectáculo bem frequentada.

A. N.



N.º 4 — 1.º Premio

N.º 1 — 2.º Premio

CORRIDA DE AUTOMOVEIS GAZOLINAS, MONOTIPOS DA ASSOCIAÇÃO NAVAL, GANHOU O N.º 4 O 1.º PREMIO, «TAÇA PORTUGAL» E MEDALHA VERMELH, DOS SRS. HENRIQUE STOT E A. J. PEREIRA.

O 2.º PREMIO, MEDALHA DE PRATA, GANHO PELO N.º 1 DO SR. JOSÉ JULIO CORREIA DA SILVA, TRIPULADO PELOS SRS. J. SOARES DE ALMEIDA E J. SANTIAGO

Onde todos devem comprar **SAPATARIA PORTUGAL**

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

**CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ**

Vende-se em toda a parte

**BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ**

**Kilo 1:500 réis**

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



**CHOCOLATE — CAKULA**

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



**RUA DA EMENDA, 118, 1.º, á praça Luiz de Camões — LISBOA**

**A. COUTO**

Alfaiate

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815

Novas installações d'este atelier — Rua da Emenda, 118, 1.º — Esquina do Loreto. Este atelier está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS NOVIDADES DE PARIS E LONDRES.

**CONTRA A TOSSE**

MARKET PRIVOAL  
**JAMES**

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

**Farinha Peitoral Ferruginosa**

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil asimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

**Pharmacia Franco, Filhos**

**139, Belem, 149 — LISBOA**

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 " " "

A' venda em todas as pharmacias